



# **Cartas de Francisco para o Dia Mundial das Comunicações: Voz e interlocuções de um papa latino-americano**

*The Pope Francis' messages for the World Communications Day:  
Voice and interlocutions of a Latin-American Pope*

**Cirlene Cristina de Sousa<sup>[a]</sup>, Denise Figueiredo Barros do Prado<sup>[b]</sup>\***

<sup>[a]</sup> Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil

<sup>[b]</sup> Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Ouro Preto, MG, Brasil

---

## **Resumo**

O objetivo deste artigo é discutir como as cartas do Papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais problematizam as relações entre Igreja e cultura midiática. Para sustentar esta abordagem, adota-se a compreensão de que as cartas papais são um gesto comunicativo que articula um discurso sobre o contexto contemporâneo, de midiatização da sociedade, capaz de revelar o lugar de enunciador do Papa ao mesmo

---

\* CCS: Doutora em Educação, e-mail: cirlenesousa@yahoo.cm.br

DFBP: Doutora em Comunicação Social, e-mail: denisefbp@gmail.com

tempo em que se revela o seu par na interlocução. As cartas surgem assim como figurações da expressão dos posicionamentos papais voltados para seus públicos, estabelecendo um território comum de interlocução numa tentativa de intercompreensão dos elementos que afetam a constituição dos sujeitos no mundo contemporâneo.

**Palavras-chave:** Comunicação Social. Igreja. Análise discursiva. Papa Francisco.

### **Abstract**

*The main objective of this article is to discuss the Pope Francis' messages for the World Day for Social Communications and problematize the relations between Church and media culture. To support this approach, we adopt the understanding that the Pope's messages are a communicative gesture that articulates a discourse on the contemporary context of mediatization of society, capable of revealing the Pope's enunciator's place. At the same time, the messages reveal the Pope's pair in the interlocution. The messages thus emerge as figurations of the expression of the papal positions toward the public, establishing a common territory of interlocution in an attempt of intercomprehension of the elements that affect the constitution of the subjects in the contemporary world.*

**Keywords:** Social Communication. Church. Discourse analysis. Pope Francis.

*Carta é o monólogo querendo ser diálogo.  
(Clarice Lispector)*

### **Introdução**

A carta, gesto comunicativo voltado para o outro, traz em si as marcas de uma interação que se pretende prolongar no tempo e encontrar seus pares. Seu tema, sua forma e os interlocutores que convoca são todos atravessados por um contexto comunicacional mais amplo que atravessa esta interação e lhes propõe um momento de encontro.

Assim, quando o Papa Francisco publica suas cartas para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, desenha-se um gesto de partilha para com a comunidade católica<sup>1</sup>. Ali, encontram-se imbricadas as marcas de uma interação do sumo pontífice voltada para este público, com a intenção de partilhar e construir uma compreensão comum sobre a comunicação e a sociedade midiática.

Recuperando a epígrafe de Lispector, entendemos que este querer dialogal acaba por fazer da carta papal um processo de interlocução entre a Igreja católica, os cristãos e a sociedade midiaticizada. Neste ato de escrever, mais que letras de um pensar monológico papal, propõe-se um papel para os interlocutores na relação comunicativa ali estabelecida e orientam-se ações dos sujeitos no mundo. Podemos dizer ainda que as cartas expressam todo um contexto de intenções, experiências, motivações, emoções, conflitos individuais e sociais e leituras, relacionadas ao mundo de cunho pessoal e institucional, que se põem a conversar com e sobre essa sociedade midiaticizada.

Para pensar as interações comunicativas, Bakhtin (2009) convoca a *palavra*, a *letra* no seu sentido sócio histórico. Para ele, um processo de enunciação é produtor de discursos na relação social e a palavra é o produto da interação do locutor e do ouvinte. Os sujeitos envolvidos nesta trama são constituídos por vozes sociais que fazem dele um sujeito histórico e ideológico. Nesse sentido, o sujeito e o mundo são constituídos no espaço interacional, de modo que a comunicação, ao mesmo tempo que institui o vínculo, constitui a sociedade.

Desta forma, se “todo enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 292), tomamos as cartas papais como inscritas num conjunto maior de dizeres, elaborados em relação a outros documentos da Igreja sobre a mídia e a sociedade contemporânea, às cartas publicadas por outros sumos pontífices, bem como em associação com a própria experiência social do Papa Francisco. Nos limites deste artigo, perceberemos as cartas papais como movimentos interacionais que, ao conversarem

---

<sup>1</sup> As cartas papais para o Dia Mundial das Comunicações são referenciadas com a sigla C (cartas), tomadas em sua sequência anual, num total de 50 cartas até o presente pontificado. Assim, as cartas de Papa Francisco são indicadas como: C 48 (carta de 2014), C 49 (carta de 2015), C 50 (carta de 2016).

com a sociedade, provocam a reflexividade da Igreja Católica sobre a cultura midiática ao mesmo tempo em que revelam traços da percepção do Papa Francisco sobre a sociedade midiaticizada e as relações comunicativas.

Nossa discussão inscreve-se num conjunto de estudos nos quais analisamos todas as cartas papais para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, desde Paulo VI até Francisco, procurando compreender como são traçadas, ao longo dessas publicações, compreensões acerca da relação comunicação, Igreja, mídia e vida cristã (SOUSA & PRADO, 2014).

Em síntese, podemos dizer que nas cartas de Paulo VI se destaca uma grande preocupação com a influência das mídias: há aí certo temor do poder dos meios de comunicação e de sua interferência na constituição dos valores morais da sociedade contemporânea, ao mesmo tempo em que se louva o surgimento dessas potencialidades tecnológicas. Ao longo das cartas, manifesta-se, então, uma posição ambivalente. Exemplo disso é a carta publicada em 1970, na qual o Papa Paulo VI afirma:

Meios maravilhosos, sem dúvida, que permitem aberturas, contatos, comunicações, participação. Mas, como parece claro a todos, com a condição de que permaneçam meios para se conseguir um fim, o único digno deste nome: o serviço do homem, de “todo homem e do homem inteiro” (*Populorum progressio*, n. 14); e não o que, pelo contrário, muitas vezes vemos: a exploração, por parte de uma indústria que é fim para si mesma, dos jovens e das crianças, na qualidade de consumidores fáceis que podem ser conduzidos aos caminhos do erotismo e da violência, ou pelas estradas perigosas da incerteza, da ansiedade e da angústia (PAULO VI, C 4, 1970).

Já João Paulo II procura ponderar sobre as possibilidades de interlocução e presença da Igreja nessa ambiência, tentando refletir sobre as maneiras com as quais a Igreja pode ocupar esses novos espaços e, por meio deles, evangelizar. Para ele,

A cultura eclesial da recordação pode salvar a cultura mediática das “novidades” transitórias, para que não se torne uma contínua negligência que corrói a esperança; e os meios de comunicação podem ajudar a Igreja a proclamar o Evangelho, com todo o seu vigor duradouro, no âmbito da realidade quotidiana da vida do povo (JOÃO PAULO II, C 33, 1999).

Observamos que Paulo VI e João Paulo II têm em comum um entendimento da presença das novas tecnologias de comunicação enquanto técnica e potencialidade, procurando entender as possibilidades de entrada da Igreja enquanto instituição evangelizadora e direcionadora.

Em Bento XVI temos, em linhas gerais, dois momentos mais distintos: no primeiro, há a clara preocupação sobre a maneira como a Igreja pode se constituir como espaço de sustentação moral nesse contexto; num segundo momento, o Papa avança na problematização do contexto contemporâneo como uma nova ambiência, no qual se pensa para além das instituições midiáticas, procurando ponderar sobre as interferências e remodelações nas dinâmicas interacionais da sociedade. Inicia-se, especialmente nas cartas finais de Bento XVI, uma problematização da afetação da comunicação na dinâmica da vida social. Esta abordagem abre a possibilidade de pensar um novo lugar da comunicação, ao colocar os processos interacionais no centro das preocupações da Igreja, para além de uma questão técnica, mas enquanto processualidade social.

Já as cartas do Papa Francisco inscrevem-se num processo de desenvolvimento da problematização do lugar das comunicações, numa articulação para além das instituições midiáticas, da Igreja e da atuação dos interlocutores. O papa segue avançando no entendimento do novo contexto social, marcado pela presença dessas novas modelagens interacionais. Suas Cartas para o Dia Mundial das Comunicações se propõem como meio de reflexão sobre o lugar da Igreja em articulação com o contexto mais amplo, e tentam pensar as remodelações que vem se constituindo no âmbito das relações histórico-culturais e sociais.

As cartas surgem, assim, como figurações da expressão dos posicionamentos papais voltados para seus públicos, delineiam-se como uma palavra que se propõe território comum de interlocução com o outro, numa tentativa de intercompreensão dos elementos que afetam a constituição dos sujeitos no mundo contemporâneo. Vejamos, logo adiante, um pouco mais sobre a presença e as afetações do midiático nesse contexto social mais amplo.

## O contexto social: a mídia, o processo social de midiaticização e a Igreja

A midiaticização é um processo interacional que modifica o modo de conceber a comunicação humana e suas questões. Nesta realidade, as práticas comunicativas do ser humano são combinadas num contexto cultural de uma tecno-interação, literalmente “enredando” indivíduos e instituições. Nesta conjuntura, as mídias, sobretudo digitais, constituem uma ambiência povoada de conexões, pelas quais os indivíduos se dizem, se referenciam, se identificam. Alguns autores consideram a midiaticização uma importante chave hermenêutica para a compreensão e interpretação da realidade hodierna. Nesta pesquisa, assumimos a midiaticização como *processo interacional de referência* (BRAGA, 2007) para o contexto contemporâneo, advertindo, porém, que se trata de um processo ainda em curso e heterogêneo nas formas e nas possibilidades de constituição.

Nessa nova ambiência comunicativa, as pessoas tecem *redes* de contato, de debates, de convivência e de relacionamentos, em compasso com o acelerado avanço dos novos meios de comunicação social. Essa abordagem reforça os estudos que colocam em xeque a percepção da mídia como meios instrumentais de trocas de mensagens, propondo, em contraste, que a mídia seja pensada como instância de contato e vínculo, de mediação e constituição dos sentidos sociais.

Em tal situação, a experiência humana ganha novos rumos, com novas possibilidades de interações e mesmo de constituição quanto aos indivíduos e sociedades, afetando seus modos de ser, agir e conviver. Os estudiosos da midiaticização não focam apenas nos produtos midiáticos ou nas tecnologias que permitem a sua produção (ou seja, nos dispositivos midiáticos), mas especialmente os processos sociais que estão à base dessas interações, com seus sujeitos, sentidos e formatos.

O estabelecimento, o acesso e o uso habitual das tecnologias têm configurado formas midiaticizadas de relação, marcadas por novos padrões quanto à linguagem, à seleção de informações, às temporalidades, às identidades e às expressões da subjetividade. Esses padrões de interação não se confinam às variantes tecnológicas, mas se estabelecem pelo sentido, hábito e intensidade das próprias relações — agora midiaticizadas. Assim, a midiaticização atravessa os sujeitos e suas realidades, passando a tomar

parte de suas interações cotidianas e interferindo, de modo cada vez mais marcante, em seus processos de socialização.

As instituições sociais também são afetadas por tal processo midiático. Há uma incidência das tecnologias e do debate da midiatização no conjunto de suas redes de diálogos e nos seus processos de interações com a sociedade. Neste contexto, segundo Barichello & Scheid (2010), a ambiência midiática se tornou um lugar de negociação das instituições sociais, dos sujeitos e da sociedade. Tais autoras constatam ainda a emergência de novos espaços de interação — hoje possíveis pelo desenvolvimento tecnológico — como blogs, redes sociais e sites que vem ampliando as possibilidades de resposta e/ou reação dos sujeitos às posturas das instituições com as quais eles convivem diariamente (BARICHELLO & SCHEID, 2010, p. 7). Assim, a midiatização inauguraria para tais instituições, uma nova ambiência, um novo padrão de condutas e comportamentos diferenciados, com alterações perceptivas e organizadoras da realidade social e novas formas de interação.

Nas tramas dessa nova ambiência Igreja discute o lugar das comunicações e procura compreender sua atuação neste novo cenário. Para Puntel (2011), essa preocupação com a comunicação não é recente, pois, em sua trajetória eclesial, a Igreja Católica sempre considerou a comunicação como um tema importante a ser contemplado e interpretado. Ao longo dessa trajetória, vários documentos eclesiais revelam a evolução do pensamento do magistério na área da comunicação, que passou por diversas fases de *desconfiança*, bem como de *aceitação*, até a compreensão da necessidade do diálogo entre fé e cultura. Na atualidade,

revela-se um grande esforço para adequar a linguagem, mas, sobretudo, a mudança de mentalidade, uma vez que na sociedade atual, entramos em um novo processo de comunicação, que exige a passagem da simples transmissão da fé, para um modelo de interatividade participativo. Um desafio para a evangelização (PUNTEL, 2011, p. 222).

Puntel (2011) identifica três fases bem definidas nessa trajetória católica, a saber: a primeira fase se efetiva por um comportamento da Igreja orientado para o exercício da censura e da repressão sobre os meios

de comunicação. A segunda, se caracteriza por profundas mudanças que apontam uma *aceitação desconfiada* dos novos meios; neste momento, há controle e vigilância sobre a imprensa, o cinema e o rádio. Nesta fase, a sociedade, já afetada pela midiaticização, impulsiona a Igreja a “adaptar-se aos novos tempos” e o comportamento eclesial sofre alterações: “começa a aceitar, ainda que desconfiadamente, os meios eletrônicos” (Idem, p. 223). A Igreja começa então a fazer uso, a servir-se dos meios para a difusão das suas mensagens. Na terceira fase, há um ritmo bastante veloz entre transformações socioculturais e os avanços tecnológicos. E entre estas transformações,

o imperativo para a Igreja “acertar o passo” e adaptar-se ao mundo contemporâneo apresenta-se sob a necessidade imperiosa de *aggiornamento* que emerge do Vaticano II. Nesse sentido, a Igreja Católica começou a proclamar a fé cristã através dos meios ao seu dispor, como vias alternativas para difundir sua missão (PUNTEL, 2011, p. 223).

A autora destaca ainda que pelo fato da Igreja ser produtora de afetações no viver humano, torna-se substancial sua compreensão do fenômeno da midiaticização da cultura e, conseqüentemente, da cultura e dos modos de ser Igreja na contemporaneidade. Puntel (2011) destaca que, nos últimos anos, a Igreja tem assumido outro rumo neste debate, ao reconhecer que a cultura midiaticizada contemporânea inaugura no cotidiano do ser humano novas sensibilidades, novos modos de ser e de conviver e de se relacionar.

Puntel explica que este quadro complexo da sociedade midiaticizada pede um olhar singular e hermenêutico do saber teológico. Os teólogos são chamados a interpretar e perceber a presença de Deus na escuta atenta e sensível aos sinais de hoje,

Acolher tais sinais significa acolher o momento histórico e as situações que lhe são próprias, como lugar teológico, isto é, a partir da fé, como experiência de Deus, enquanto elemento fundante e como realização do encontro com todas as coisas contempladas à luz de Deus, em um tempo e espaço determinados (PUNTEL, 2007, p. 31).



Nesta percepção, a evangelização deve interagir *com e no* processo de midiaticização. Para tanto, a Igreja deve considerar o pensar, a linguagem e a atualidade dessa cultura. Segundo Puntel (2007), a Igreja deve indagar sobre as identidades do indivíduo contemporâneo, que se vê atravessado pela midiaticização. Mais especificamente, deve se questionar: quem é este cristão midiaticizado? Que novas sensibilidades, identidades e modos de ser estão aí configurados? Qual o papel do evangelho nesta cultura midiática?

### **Comunicação Social e Igreja: cartas para o Dia Mundial das Comunicações Sociais**

É a partir da compreensão da relevância de se avançar na discussão da presença dos meios de comunicação social que surge a primeira encíclica papal voltada para este tema, em 1936: a *Vigilanti cura*. Nela, o Papa Pio XI se mostra preocupado com a presença dos meios, ao mesmo tempo em que se interessa pelas possibilidades de interação que vinham surgindo, dando especial ênfase ao Cinema. Alguns anos mais tarde, Pio XII redige a *Miranda prorsus* (1957), na qual se procura avançar na compreensão do lugar dos meios de comunicação eletrônicos, referindo-se também ao rádio, à televisão e tentando apreender as mudanças que vinham surgindo. Dariva (2003) ressalta que a importância desta carta é dar ênfase às possibilidades de evangelização e aos desafios pastorais diante desse novo cenário. Introduce-se, aí, o debate sobre como inserir ações evangelizadoras nesses espaços e estabelecer interlocução com as produções culturais que vinham emergindo.

É na década de 1960, com a publicação do *Inter mirifica* (1966) — decreto do Concílio Vaticano II sobre os meios de comunicação social — que uma ação mais efetiva é empreendida, com vistas a ampliar a discussão do lugar do *midiatizado* na vida social contemporânea. Neste documento, passa-se a problematizar como a Igreja pode se relacionar com a mídia e as possibilidades de presença e evangelização que estavam colocadas nesse novo contexto. Tal documento orienta a relação dos cristãos com a mídia

e oferece subsídios para um debate mais intenso e interno à Igreja sobre contexto midiático e suas afetações.

Para Puntel (2005), o decreto *Inter mirifica* foi um documento de grande importância porque adota uma visão mais otimista da Comunicação, pois, quando se trata de pensar a dimensão humana do processo comunicativo, vai além de uma questão técnica da mídia. Segundo Dariva (2003), este documento também deve ser destacado diante das demais publicações por ser um documento conciliar, que traz uma posição institucional mais consistente, avançando para além da fala específica de um papa, adotando uma perspectiva propositiva ao tentar instituir um debate sobre a formação pastoral com relação a este novo contexto.

Considerando essa necessidade de reflexão continuada do lugar da comunicação social na vida contemporânea e a relevância que vinha ganhando nas relações sociais, o Concílio Vaticano II criou o *Dia Mundial das Comunicações Sociais* como uma data celebrativa nas dioceses, na qual se deveria discutir a relação da Comunicação com a vida social e a Igreja. Propunha-se, para esta data, a publicação de uma carta papal que auxiliaria na problematização e abordagem deste tema.

Assim, o Dia Mundial das Comunicações Sociais é um chamado da Igreja para que se problematize, junto aos fiéis, os deveres diante da sociedade midiaticizada. Este dia constitui-se com um momento específico para pensar a vida cristã e a Comunicação Social. O primeiro Dia Mundial das Comunicações Sociais foi celebrado em seis de maio de 1967, tornando-se, a partir daí, um evento anual regular. De modo geral, as cartas papais tendem a ser temáticas, conjugando a discussão da comunicação com algum tema chave para a Igreja, tais como: misericórdia, família, juventude, justiça social, liberdade humana, globalização e evangelização.

A primeira carta do Papa Francisco foi publicada em 2014, cujo tema foi a cultura do encontro. Sua segunda carta deu ênfase à família como espaço de comunicação. Sua última carta, publicada em 2016, quando o Dia Mundial das Comunicações Sociais completou 50 anos de comemoração, foi marcada por uma particularidade: o Papa Francisco publicou um bilhete, manuscrito, na rede social *Twitter*, com os seguintes dizeres: “A ti, que da grande comunidade digital, me pedes bênção e oração, quero dizer-te: tu serás o dom precioso na minha oração ao Pai. E não te esqueças de

rezar por mim e pelo meu ser servo do Evangelho da Misericórdia” (apud AGÊNCIA ECCLESIA, 8.05.2016). Com esta mensagem o Papa Francisco dá o tom para se pensar suas cartas: nelas, está colocada a necessidade de aproximação com seus interlocutores, a ocupação desses espaços midiáticos e, particularmente, sua abordagem da comunicação como momento de contato, de partilha.

Para entrarmos numa análise mais detida das cartas papais recordadas para este artigo, julgamos necessário realizar uma discussão do lugar de enunciação do Papa Francisco, construído ao longo das cartas, inclusive problematizando as referências a partir das quais ele elabora seu discurso. Assim, ao apresentarmos nossa análise das cartas indicamos duas categorias temáticas: (a) a compreensão do lugar do papa Francisco enquanto interlocutor dos cristãos e (b) os sentidos elaborados para discutir o lugar do cristão e da Igreja na sociedade midiaticizada. Vejamos a seguir os desdobramentos de ambos os eixos.

### **a. Papa Francisco: interlocutor dos cristãos nas cartas papais**

A seleção vocabular manifesta nas cartas para o Dia Mundial das Comunicações Sociais publicadas no pontificado de Francisco nos revela um olhar singular e um saber próprio do papa sobre a situação comunicativa do ser humano. Ao falar em “misericórdia”, “encontro”, “partilha”, “compaixão”, “liberdade”, “justiça”, “humildade” e “compaixão”, ele faz apelo a um conjunto de valores que considera imprescindíveis para o fortalecimento e construção do lugar dos cristãos na cultura midiática (expressões recorrentes em C 48, C 49 e C 50).

Em outros momentos, o papa demonstra privilegiar questões associadas aos “pobres” e “excluídos” do contexto contemporâneo reafirmando não somente a importância e o valor de todos os seres humanos — que não devem ser tratados como “descartáveis” — como problematiza os processos de distanciamento, isolamento social e exclusão que os sujeitos vêm sofrendo também nas comunidades virtuais (cf. C 48, C 49 e C 50).

Ao falar das possibilidades da cultura do encontro, o papa é enfático ao denunciar que permanece uma escandalosa distância entre o luxo

dos mais ricos e a miséria dos mais pobres. Essa contradição, segundo o Papa Francisco, é ainda mais acentuada pelo processo de midiaticização global. Para ele, “Os progressos das tecnologias de comunicação deixam-nos mais próximo, interligando-nos sempre mais, e a globalização faz-nos mais interdependentes” (C 48). Apesar dessas aproximações tornadas possíveis neste novo contexto, “O mundo sofre de múltiplas formas de exclusão, marginalização e pobreza, como também de conflitos para os quais convergem causas econômicas, políticas, ideológicas e até mesmo, infelizmente, religiosas” (C 48).

O Papa Francisco ainda faz uma crítica à mídia e às exclusões tão disseminadas neste novo ambiente social ao ver nos discursos midiáticos a reprodução das desigualdades e o estímulo ao distanciamento entre os grupos sociais. Conforme o papa explica, “Hoje, corremos o risco de que alguns *mass-media* nos condicionem até ao ponto de fazer-nos ignorar o nosso próximo real” (C 48). Mesmo adotando um tom crítico e denunciativo, o papa não resvala para uma abordagem instrumental da mídia, dando ênfase a dimensão relacional da comunicação: “A rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas” (C 48). Esta reflexão do papa Francisco dialoga diretamente com a Conferência de Aparecida (2007), que anuncia<sup>2</sup>:

A Igreja se aproxima deste novo meio com realismo e confiança. Como os outros instrumentos de comunicação, este é um meio e não um fim em si mesmo. A Internet pode oferecer magníficas oportunidades de evangelização, se usada com competência e clara consciência de suas forças e fraquezas [...]. Os meios de comunicação, em geral, não substituem as relações pessoais nem a vida comunitária. No entanto, os sites podem reforçar e estimular o intercâmbio de experiências e informações que intensifiquem a prática religiosa através de acompanhamentos e orientações (DAP 488-489).

Nesse mesmo sentido, o Papa enfatiza, em suas cartas, que a ação comunicativa dos cristãos deve estar mediada pelos valores evangélicos, de forma que os cristãos sejam capazes de responder a altura e produzir

<sup>2</sup> Veja-se o Documento de Aparecida, aqui indicado com a sigla DAP seguida do número do parágrafo referido.

sentidos conforme os ensinamentos da própria Igreja e de seus saberes teológicos ao ocupar os lugares midiáticos. Por isso, Francisco convoca a todos os cristãos a fazer dos meios de comunicação pontes para se relacionarem com os “violentados” e dos “descartados” da sociedade<sup>3</sup>. Assim, há uma clara opção pelos últimos da sociedade, pelos empobrecidos, nos modos de Francisco pensar o *ser Igreja* na vida contemporânea. Mais uma vez, o papa revela seus vínculos fortes com a Conferência de Aparecida, que diz:

A Igreja deve cumprir sua missão seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes (cf. Mt 9,35-36). Ele, sendo o Senhor, se fez servidor e obediente até à morte de cruz (cf. Fl 2,8); sendo rico, escolheu ser pobre por nós (cf. 2Cor 8,9), ensina-nos o caminho de nossa vocação de discípulos e missionários. No Evangelho aprendemos a sublime lição de ser pobres seguindo a Jesus pobre (cf. Lc 6,20; 9,58) (DAP 31).

Assim, Francisco tece uma análise sobre a necessidade de a Igreja se abrir para o diálogo com a alteridade, com os frágeis, com os pobres, numa sociedade que tecnologicamente encurta distâncias e temporalidades entre as pessoas do mundo inteiro, mas que continua a ser bastante desigual e excludente.

O papa enfatiza também o poder da misericórdia em comunicar, ou seja, em propor e promover uma sociedade mais justa e pacificadora, conforme às bem-aventuranças: “Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”. [...] “Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus (Mt 5,7,9)” (C 50). Para o Papa Francisco, é dever da Igreja denunciar a maldade e a injustiça de certos comportamentos, a fim de libertar as vítimas e contribuir para o perdão e a mudança social.

Em sua terceira carta (C 50), intitulada *Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo*, evidencia-se uma preocupação cara ao papa: a relação entre comunicação e misericórdia. O Papa Francisco vincula a esta discussão o ideal da igreja samaritana que, unida a Cristo, faz da misericórdia um traço característico do seu ser e agir. Tal abordagem aproxima-se claramente do ideal missionário da Conferência de Aparecida:

---

<sup>3</sup> Esses sujeitos expressam a prioridade dos pobres na proposta missionária de Papa Francisco, como ele o declara na exortação apostólica *Evangelii gaudium* n. 186-192.

No rosto de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, maltratado por nossos pecados e glorificado pelo Pai, nesse rosto doente e glorioso, com o olhar da fé podemos ver o rosto humilhado de tantos homens e mulheres de nossos povos e, ao mesmo tempo, sua vocação à liberdade dos filhos de Deus, à plena realização de sua dignidade pessoal e à fraternidade entre todos. A Igreja está a serviço de todos os seres humanos, filhos e filhas de Deus (DAp 32).

Em sintonia com o *Documento de Aparecida* (2007), essa terceira carta do Papa Francisco estabelece uma relação entre justiça e comunicação. Nesta abordagem, o papa destaca que o modo de comunicação e o serviço de pastores da Igreja nunca deve humilhar aqueles que a mentalidade do mundo considera perdedores e descartáveis. Ao contrário, quando se trata de ser misericordioso, o estilo de nossa comunicação deve ser capaz de superar “a lógica que separa nitidamente os pecadores dos justos, identificar a maldade e a injustiça de certos comportamentos, a fim de libertar as vítimas e levantar quem caiu” (C 50). Num mundo dividido, fragmentado, polarizado, comunicar com misericórdia significa “contribuir para a boa, livre e solidária proximidade entre os filhos de Deus e irmãos em humanidade, principalmente, de uma proximidade” com os sujeitos descartáveis e/ou frágeis (Ibidem).

O enfoque dado às expressões — misericórdia, injustiça, pobres, excluídos — demarca sentidos que configuram todo um ambiente religioso, identitário e formativo deste Papa. Em termos identitários, consideramos que tais palavras aproximam o olhar comunicacional de Francisco ao contexto de algumas abordagens e modos de pensar a comunicação no hemisfério sul.

Desde os anos 1960 e 1970, neste hemisfério, desenvolve-se uma abordagem teórica da comunicação que problematiza questões relativas à ideologia, poder e interferência cultural — uma temática afeita ao questionamento das políticas imperialistas americanas da época.

Neste contexto, surge também a tematização do lugar do sujeito no processo comunicativo, com forte crítica ao processo transmissivo de comunicação. Mais do que funcionalidade informacional, a comunicação é compreendida como relação, como uma vivência que atravessa o conjunto

das práticas sociais, culturais, religiosas dos sujeitos, marcando os momentos de sua história e do seu *ser no mundo* (FRANÇA, 1998). Inicia-se, assim, uma crítica mais intensiva à abordagem funcionalista da escola americana e desenvolve-se uma abordagem latino-americana que vai problematizar as condições do subdesenvolvimento regional, as questões de ordem política na região, o consumo como produção de sentido, o papel ativo do receptor, as dimensões de inclusão e exclusão midiática e a uma crítica à ideologia dominante, à repressão política e sociocultural.

Em termos de formação e opção teológica, notamos que o enfoque mais humano e relacional do lugar da Igreja na sociedade midiaticizada nas cartas papais diz também de uma aproximação teológico-metodológica do Papa Francisco com a “Teologia argentina do povo”. Dentro do grande marco das Teologias da Libertação latino-americanas, tem-se a Teologia Argentina do Povo.

Tal teologia, segundo Scannone (2015) faz uma hermenêutica das práxis do Povo de Deus a partir de um enfoque histórico-cultural. O povo é interpretado como um sujeito histórico, que, embora pobre em termos materiais, não deixa de possuir cultura, ética, religiosidade e mundo simbólico. Para Scannone (2015) esta abordagem de povo é central na práxis e na reflexão dessa teologia, direcionada não tanto à análise sociológica, mas sobretudo à análise ético-cultural para fins de evangelização. O *povo* é, assim, identificado como sujeito coletivo, histórico, cultural e político, que possui um lugar teológico no qual são lidos os “sinais dos tempos” (*Gaudium et spes* 4). Para o autor, esta linha ajudou a revalorizar pastoral e teologicamente a Religião Popular. No dizer de Scannone (2015), este ramo teológico considera a categoria “sabedoria popular” como chave para a mediação entre piedade popular e a teologia(s) do hemisfério sul. Esta dimensão profética da Teologia do Povo contribuiu, assim, para um novo modelo de ser Igreja que surge de uma opção preferencial pelos pobres que vivem às margens e de um desejo de fazer uso da capacidade dessas pessoas de gerar processos de conversão de toda a sociedade de forma mais geral.

Para Scannone (2015) o uso que o Papa Francisco faz da teologia do povo deixa claro que ele está propondo algo mais do que uma simples mudança de foco no trabalho pastoral da Igreja e do Vaticano. Ou seja,

ele estaria interessado em fazer mais do que apenas renovar a linguagem católica ou atualizar as formas e práticas religiosas existentes. O objetivo do Papa Francisco, segundo tal autor, seria estabelecer um jeito todo novo de ser Igreja, um modo que reconhece os efeitos graves da atual crise capitalista/estrutural. E, assim, uma Igreja que busca refazer o caminho traçado pelo Concílio Vaticano II. Portanto, uma Igreja samaritana, pobre, serve, que se distinguiria por sua prática da compaixão, da fraternidade e da justiça.

Consideramos que essa aproximação com a Teologia do Povo interfere no modo do Papa Francisco analisar a Igreja no contexto midiático. Qual Igreja está presente neste saber teológico? Podemos dizer uma igreja peregrina, caminhante, uma igreja povo. Como destaca o pontífice: “Somos chamados a testemunhar uma Igreja que seja casa de todos. Seremos nós capazes de comunicar o rosto duma Igreja assim?” (C 48).

Percebemos que a reflexão proposta por Francisco é de que os espaços midiáticos podem e devem ser instância de evangelização — mas não somente como espaço de divulgação do Evangelho, mas como lugar de vivência cristã. A Igreja peregrina é então aquela que sai pelas estradas inscrevendo novos espaços de missão e de misericórdia, de encontro com o povo: “Quando falo de estrada penso nas estradas do mundo onde as pessoas vivem: é lá que as podemos, efetiva e afetivamente, alcançar” (C 48). Um lugar referencial para tal missão é a estrada digital: “Entre estas estradas estão também as digitais, congestionadas de humanidade, muitas vezes ferida: homens e mulheres que procuram uma salvação ou uma esperança” (C 48). Porém, o Papa destaca que o testemunho cristão não se faz com o bombardeio de mensagens religiosas, mas com a vontade de se doar aos outros.

Este modo de tratar a relação do cristão e da Igreja com a mídia se baseia no método histórico-cultural que permeia a Teologia do Povo. Com esta perspectiva, é possível olhar as relações midiáticas a partir da sua interação cultural, do lugar dos cristãos nesta interação, dos seus valores, das suas histórias, das suas mediações, das suas identidades e de suas religiosidades. Este olhar comunicativo está presente também nas cartas papais, nas quais o pontífice não se restringe a avaliar a funcionalidade das mídias, mas inclui a mídia e os dispositivos midiáticos no ato de libertação do humano, como ambiências onde se tece a experiência humana.



## **b. O lugar do cristão e da Igreja na sociedade midiaticizada**

Ao tentarmos apreender o lugar proposto aos cristãos e à Igreja na sociedade midiaticizada percebemos que as cartas papais, ao mesmo tempo em que se oferecem como um espaço de reflexão, indicam diretrizes sobre as formas de se relacionar com o midiático no contexto de sua publicação. Podemos dizer que as cartas do Papa Francisco expressam sua preocupação com o lugar dos interlocutores nesta nova ambiência, marcada por um desenvolvimento tecnológico expressivo (que permitiria interações virtuais) e que promove uma remodelagem das relações.

A sustentação sobre o lugar do cristão e nas formas de viver sua experiência religiosa na sociedade midiaticizada trazem marcas das discussões estabelecidas na Conferência de Aparecida (2007). Nesta Conferência, refletiu-se sobre a necessidade de promover diretrizes que levassem em conta os novos modos de percepção e de linguagem, as novas sensibilidades, a fim de criar uma nova cultura que proteja as crianças, jovens e pessoas mais vulneráveis. Para isso, considerou-se necessário que a comunicação não ignore os valores, mas, ao contrário, colabore na elaboração do discernimento.

Na perspectiva de Aparecida, o fundante do processo comunicativo religioso é a existência de cristãos em relação e em interlocução com a sociedade midiaticizada. Portanto, a Igreja deveria se formar, participar e compreender a complexidade desta cultura: Como os cristãos preveem o “estar junto” nesta sociedade? Como reativar os valores cristãos por meio dessa cultura? Como os cristãos têm encontrado os mais frágeis neste ambiente midiático? Como a Igreja deve participar e interpretar este momento histórico?

O debate proposto é o de não ignorar ou rejeitar as tecnologias ou as linguagens midiáticas. Pondera-se que é preciso apropriar-se delas criteriosamente, para reavivar a humanização do homem e é esta discussão que atravessa a constituição do lugar do cristão e da Igreja na sociedade midiaticizada nas cartas do Papa Francisco.

Nesta primeira carta (C 48), publicada em 2014 com o título *Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro*, o objetivo principal é tratar a comunicação como terreno de partilha, de encontro

com o outro, pois, na percepção do Papa Francisco, “uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós, a ser mais unidos” (C 48). Mais adiante, o papa reafirma: “Particularmente a internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus” (C 48). Com essa perspectiva, enfatiza-se a dimensão da relação comunicativa, retirando o foco da mídia, privilegiando as possibilidades de contato e acesso a interlocutores diversos para além de uma problematização do cenário midiático.

Dá-se então destaque à relação que as pessoas podem nutrir com as informações acessadas via mídia e pondera-se sobre o posicionamento dos públicos diante da grande variedade de referências partilhadas nesses espaços. Neste momento, o Papa ressalta a importância da abertura para o diálogo, sugerindo que indivíduos e grupos não se fechem em suas perspectivas específicas, nem deixem de questionar os valores (políticos e ideológicos) que circulam nesta ambiência.

Está colocado nesta carta o foco sobre a comunicação enquanto momento de partilha, de escuta, de unidade. Essa abordagem revela-se particularmente interessante porque não se mostra receosa do poder das mídias, traço frequente nas cartas de alguns papas anteriores, como Paulo VI e João Paulo II. O Papa Francisco faz questão de afirmar que “a comunicação é uma conquista mais humana que tecnológica” (C 48).

Nesta carta, faz-se uma observação precisa sobre a necessidade de se abrir para o diálogo com o outro, para a experiência humana em sua pluralidade. Isso não significa uma relativização dos valores. Ao contrário disso, espera-se que os valores cristãos sejam fortalecidos e facilitadores deste contato. Para o papa, “se estamos verdadeiramente desejosos de escutar os outros, então aprenderemos a ver o mundo com olhos diferentes e a apreciar a experiência humana tal como se manifesta nas várias culturas e tradições” (C 48). Ainda nesta carta, o papa questiona: “como a comunicação pode estar ao serviço de uma autêntica cultura do encontro?” (C 48). E, mais especificamente, para os cristãos — “o que significa, segundo o Evangelho, encontrar uma pessoa?” (C 48).

Para o papa, “estas perguntas se resumem naquele que, um dia, um escriba — isto é, um comunicador — pôs a Jesus: ‘E quem é o meu

próximo?’ (Lc 10,29)” (C 48). Dando continuidade a esta abordagem, o papa questiona: “Como se manifesta a ‘proximidade’ no uso dos meios de comunicação e no novo ambiente criado pelas tecnologias digitais?” (C 48).

Sua resposta é iluminada pela parábola do bom samaritano que, para ele, também é uma parábola do comunicador. Segundo o papa, quem comunica faz-se próximo. Nesse sentido, “o bom samaritano não só se faz próximo, mas cuida do homem que encontra quase morto ao lado da estrada. Jesus inverte a perspectiva: não se trata de reconhecer o outro como um meu semelhante, mas da minha capacidade para me fazer semelhante ao outro” (C 48). Esta Igreja samaritana também está na base das reflexões de Aparecida: “Iluminados pelo Cristo, o sofrimento, a injustiça e a cruz nos desafiam a viver como Igreja samaritana (cf. Lc 10,25-37), recordando que a evangelização vai unida sempre à promoção humana e à autêntica libertação cristã” (DAP 23).

Assim, o traço mais marcante desta primeira carta é a preocupação sobre como os sujeitos se posicionam nas relações comunicativas e como eles organizam suas leituras sobre o social e o cultural a partir destes contatos plurais. Aí inscreve-se também uma discussão cara ao papa: os valores cristãos devem ser basilares para este contato midiático como forma de fortalecer a dimensão humana das comunicações.

Desenha-se assim uma singularidade: os valores cristãos não seriam convocados pelo papa como forma de se diferenciar ou de se preparar para “resistir” diante de discursos dissonantes; mais do que isso, seriam valores que facilitam um esclarecimento da grandeza da relação humana, de sua importância na constituição do encontro comunicativo, afinal, “Não basta circular pelas ‘estradas’ digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos de amar e ser amados. Precisamos de ternura” (C 48). Com esta perspectiva, o lugar dos interlocutores é permeado por uma compreensão mais ampla da mídia, para além de uma suposta neutralidade da técnica: “A neutralidade dos *mass-media* é só aparente: só pode constituir um ponto de referimento quem comunica colocando-se a si mesmo em jogo” (C 48).

Explora-se, com isso, a ideia de que os valores humanos e suas experiências estão o tempo todo entremeadas nas relações com as mídias, de modo que ele encoraja a própria Igreja a inscrever-se nesta ambiência para promover a evangelização: “Abrir as portas das igrejas significa também abri-las no ambiente digital, seja para que as pessoas entrem, independentemente da condição de vida em que se encontrem, seja para que o Evangelho possa cruzar o limiar do templo e sair ao encontro de todos” (C 48). A evangelização é reforçada ainda como ação afetiva (e afetuosa) no mundo: “Inclusive no contexto da comunicação, é preciso uma Igreja que consiga levar calor, inflamar o coração” (C 48).

Já na segunda carta (C 49), intitulada *Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor* (2015), o Papa Francisco propõe uma articulação temática: abordar a comunicação e a família, tema que, à época era discutido em encontros sinodais. Para realizar esta articulação, ele propõe a família como chave de leitura para pensar a relação comunicativa. Nesta perspectiva, “a família é o ‘espaço onde se aprende a conviver na diferença’ (*Evangelii gaudium* 66). Diferenças de gêneros e de gerações, que comunicam, antes de mais nada, acolhendo-se mutuamente, porque existe um vínculo entre elas” (C 49). O vínculo é então fundado nessa possibilidade de acolhida e contato com a diferença, de construção da subjetividade.

O papa dá destaque para a construção dos laços familiares, da experiência da oração, do diálogo e do perdão no interior das famílias como momento marcado pelo fortalecimento e estímulo das relações comunicativas. Francisco dedica grande parte desta carta à discussão das relações familiares como bases fundantes do diálogo e do preparo para a vida social mais ampla.

Já ao final da carta, o Papa traz à discussão o lugar singular dos jovens, tidos como mais afetados e mais próximos das mídias. Para ele, é importante refletir sobre as dificuldades e ganhos que podem ser apresentados por essa experiência comunicacional dos jovens, mas não se deve partir para a restrição ou impedimento. Em sua perspectiva, “descobrimos diariamente este centro vital que é o encontro, este ‘início vivo’, saberemos orientar o nosso relacionamento com as tecnologias, em vez de nos deixarmos arrastar por elas” (C 49). Ou seja, a forma de evitar um

engolfamento das relações sociais pela mídia é a preparação para o contato com elas através da formação familiar e da vida em comunidade.

Este preparo refere-se, especificamente, a um conhecimento das lógicas narrativas propostas pelas mídias e pelo grande fluxo de informação: “Assim o desafio que hoje se nos apresenta, é aprender de novo a narrar, não nos limitando a produzir e consumir informação [...]” (C 48). A família emerge neste quadro como um “recurso” para atuar como instância mediadora dos contatos com as informações e narrativas circulantes na mídia, como ele sugere: “Neste sentido, é possível recuperar um olhar capaz de reconhecer que a família continua a ser um grande recurso, e não apenas um problema ou uma instituição em crise” (C 49). A família é considerada o lugar no qual os sujeitos são preparados para compreender, ler e avaliar criticamente o quadro social construído pelas narrativas midiáticas.

Na última carta (C 50) do Papa Francisco, *Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo* (2016), a comunicação é pensada em articulação com a misericórdia. Mais uma vez o Papa Francisco coloca no cerne de sua perspectiva o entendimento da comunicação como partilha. Reforça-se a compreensão da comunicação como encontro, como momento capaz de promover o entendimento e a aproximação com o outro: “A comunicação tem o poder de criar pontes, favorecer o encontro e a inclusão, enriquecendo assim a sociedade” (C 50).

A misericórdia atua especialmente por duas vias: pela acolhida e pelo perdão. Na perspectiva do papa, “as palavras podem construir pontes entre as pessoas [...]. Assim, palavras e ações hão de ser tais que nos ajudem a sair dos círculos viciosos de condenações e vinganças que mantêm prisioneiros os indivíduos e as nações, expressando-se através de mensagens de ódio” (C 50).

Procura-se ainda esclarecer que ter misericórdia e perdoar não significa ser condescendente: ao contrário disso, ao tomar a comunicação como espaço de intervenção humana, o diálogo emerge como espaço para a experiência da evangelização e também como momento de reafirmação de posições. Isso demanda, inclusive, que ao se posicionar nessas ambiências digitais, se adote uma postura de acolhida e de responsabilidade. Conforme o Papa Francisco explica, “o acesso às redes digitais implica uma responsabilidade pelo outro, que não vemos mas é real, tem a sua

dignidade que deve ser respeitada. A rede pode ser bem utilizada para fazer crescer uma sociedade sadia e aberta à partilha” (C 50).

Ainda nesta carta, o papa explica que não considera esse tipo de relação menos relevante ou autêntica do que as demais: “Não é a tecnologia que determina se a comunicação é autêntica ou não, mas o coração do homem e a sua capacidade de fazer bom uso dos meios ao seu dispor” (C 50). Isso implica que a tomada de posição dos interlocutores deve sempre ser entendida como *uma* dentre as demais ações dos sujeitos no mundo e, por isso mesmo, espaço de presença e atuação cristã.

### Considerações finais

As três cartas do Papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações Sociais se inscrevem, tal como indicado por Bakhtin (2003), como elos de uma cadeia discursiva mais ampla. Fazem, direta e indiretamente, apelo à perspectiva de outros papas, bem como a demais documentos da Igreja.

Esse esforço de intertextualidade revela um cruzamento singular de perspectivas: ao optar por citar Bento XVI e sua abordagem da comunicação, o Papa Francisco associa-se à sua leitura do lugar da comunicação, ou seja, da comunicação social como *ambiência* que atravessa a dinâmica das relações interacionais contemporâneas. Esta percepção reverbera de modo incisivo em todas as cartas, pois se entende que comunicação contemporânea não se limita à questão dos dispositivos ou dos espaços midiáticos tradicionais. Ao se assumir que vivemos numa sociedade midiaticizada que se configura como uma ambiência, torna-se necessário refletir sobre o lugar dos sujeitos no processo e, especificamente, na ação constitutiva do lugar dos cristãos no mundo comunicacional.

Para chegar aos sujeitos do processo comunicativo, o Papa Francisco propõe a articulação das temáticas da cultura do encontro, da família e da misericórdia com a comunicação midiática — conforme visto em suas cartas. Assim, o papa adota um tom menos apocalíptico da midiaticização, quando comparado aos papas anteriores, e se mostra mais esperançoso, responsável e crítico em face da sociedade midiaticizada. Porém, ainda que

tenha um olhar mais aberto para compreender este novo cenário, Francisco destaca que entre velocidades, quebra de barreiras geográficas, culturais, temporais e espaciais das experiências humanas midiaticizadas, não se verifica, em grande escala, a diminuição da exclusão de sujeitos já às margens da sociedade, que vão sendo também excluídos nas relações midiaticizadas.

Papa Francisco é enfático ao dizer que a complexidade do encontro humano midiaticizado somente será verdadeira se nele se incluir uma atenção especial aos *descartados* da sociedade. Daí sua convocação à Igreja midiaticizada que — vendo Cristo no rosto dos frágeis — seja capaz, por um lado, de anunciar as possibilidades do encontro, da unidade, da partilha humana, das bem-aventuranças; e, por outro, denunciar a não inclusão desses frágeis nessa mesma cultura. Francisco é claro em sua proposta: se a midiaticização provoca aproximações, é preciso reavivar a pergunta evangélica: “quem é o meu próximo?” (C 48).

Essa preocupação com o *outro* da comunicação, com o *outro* da sociedade contemporânea, traz as marcas das discussões traçadas na Conferência de Aparecida, além de denotar o entrecruzamento da reflexão de Francisco com a abordagem teológica argentina, defensora de uma Igreja Peregrina, Samaritana. Segundo Francisco, esta Igreja deve ir além da intenção de evangelizar via tecnologias de comunicação: mais do que espaços de difusão, a comunicação contemporânea é vista como lugar de vivência e ação dos sujeitos no mundo.

Daí a preocupação singular do papa com os sujeitos no processo comunicativo: suas cartas retiram a tradicional ênfase nos discursos das mídias ou mesmo dos processos de divulgação e circulação de informações. O Papa Francisco quer falar aos corações dos sujeitos, esses sujeitos convocados, a toda hora, a se posicionar sobre as realidades do mundo, num universo midiaticizado de narrativas e valores conflitantes.

É neste lugar do cotidiano midiaticizado, ocupado por sujeitos-em-relação, que se reforça a necessidade de se pensar a comunicação como encontro, como partilha, como possibilidade de estabelecer um terreno comum com o outro e restaurar o vínculo humano. É ainda com este lugar e com as interações que serão aí traçadas que as famílias devem se dirigir, tentando instaurar em seu seio um espaço seguro de formação, compreensão e diálogo. E, por fim, é neste lugar que se deve procurar exercer a

misericórdia e o perdão, transcendendo os julgamentos, as polarizações e as exclusões colocadas pelas narrativas e pelos conflitos de uma sociedade desigual e excludente. A misericórdia constitui-se, assim, na fala do papa Francisco, como valor basilar para esse contato midiático, pois somente por ela conseguiremos fortalecer a dimensão humana das comunicações.

## Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARICHELLO, E. M. R.; SCHEID, D. Apontamentos sobre a construção da visibilidade das instituições na internet a partir de um cenário da midiatização da sociedade. In: MÉDOLA, A. S. L. D.; ARAÚJO, F. B. *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática: XV Compós*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

BRAGA, J. L. Midiatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, A. S.; ARAÚJO, D. C.; BRUNO, F. (Orgs.). *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática* vol. 1. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 141-167.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição pastoral *Gaudium et spes*. In: *Compêndio do Vaticano II*. 22ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 141-256.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Inter mirifica*. In: *Compêndio do Vaticano II*. 22ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 565-578.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO [CELAM]. *Documento de Aparecida*. Brasília: Edições CNBB, 2007.

DARIVA, N. *Comunicação social na Igreja: documentos fundamentais*. São Paulo: Paulinas, 2003.

FRANÇA, V. Sujeitos da comunicação, sujeitos em comunicação. In: GUIMARÃES, C.; FRANÇA, Vera. *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 60-88.



---

FRANCISCO. *Comunicação e Misericórdia, um encontro fecundo*: L Dia Mundial das Comunicações Sociais. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20160124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html)>. Acesso em: 10 set. 2016.

FRANCISCO. *Comunicar a família, ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor*: XLIX Dia Mundial das Comunicações Sociais. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20150123\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20150123_messaggio-comunicazioni-sociali.html)>. Acesso em: 10 set. 2016.

FRANCISCO. *Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro*: XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20140124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html)>. Acesso em: 4 set. 2016.

FRANCISCO. *Exortação apostólica “Evangelii gaudium”*: a alegria do Evangelho. São Paulo: Paulinas, 2013.

JOÃO PAULO II. *Mass-media, presença amiga ao lado de quem procura o Pai*: Mensagem para o 33º Dia Mundial das Comunicações. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_24011999\\_world-communications-day.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_24011999_world-communications-day.html)>. Acesso em: 4 set. 2016.

PAULO VI. *As comunicações sociais e a juventude*: Mensagem para o 4º Dia Mundial das Comunicações. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf\\_p-vi\\_mes\\_19700406\\_iv-com-day.html](https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19700406_iv-com-day.html)>. Acesso em: 4 set. 2016.

PRADO, D. F; SOUSA, C. de . S. O que a Igreja diz sobre mídia, família e juventude? Análise das cartas papais para o Dia Mundial das Comunicações. In: MAÇANEIRO, Marcial (org.). *Teologia em questões*. Aparecida: Ed. Santuário, 2014. p. 125-145.

PUNTEL, J. T. Igreja a caminho na comunicação. In: *Teocomunicação*. Porto Alegre, v. 41, n. 2 jul.-dez. 2011. p. 221-242.

PUNTEL, J. T. Igreja e Comunicação na Contemporaneidade. In: *Novos olhares*. São Paulo: ECA/USP, 2007.

PUNTEL, J. T. *Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência*. São Paulo: Paulinas, 2005.

SCANNONE, C. J. La teología argentina del pueblo. In: *Gregorianum* n. 96, 2015/1. p. 9-24.

SCANNONE, C. J. *A teologia do povo. Entrevista com Juan Carlos Scannone* (2014). Disponível em : <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/522076-a-teologia-do-povo-entrevista-com-juan-carlos-scannone%20>>. Acesso em 10 nov. 2016.

Recebido: 24/09/2016

*Received: 09/24/2016*

Aprovado: 27/10/2016

*Approved: 10/27/2016*